



Ademir Pascale e Elenir Alves
Editores

São Paulo, novembro/2009

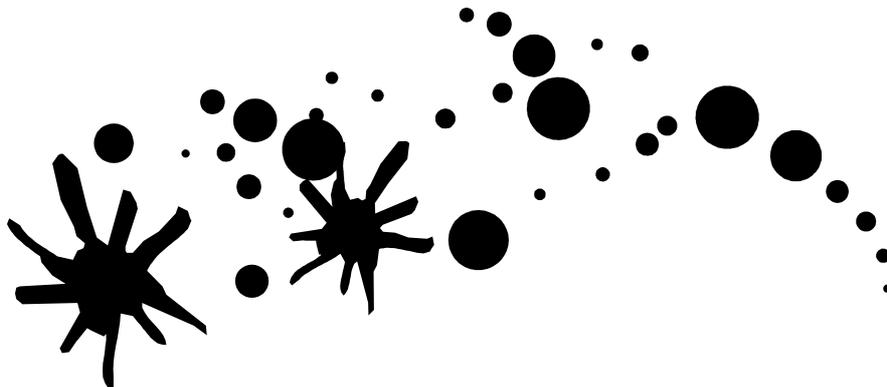
Ano 02. Número **03**

Suplemento Especial (Parte Integrante do TerrorZine nº 15)
Circulação Gratuita

**Créditos:*

M. D. Amado – Site Estronho

www.estrinho.com.br



Minicontos do Concurso Cultural Estranha

TELEFONEMA - 1º colocado **Alexandre de Castro Gomes**

- Alô?... Oi, mãe... Eu estava mesmo pensando em ligar... Juro... Escutei o seu recado na secretária eletrônica mas quando cheguei já estava quase amanhecendo e não quis incomodar... Fui naquela boate nova que abriram perto do cais, a Thirteen, conhece?... Thirteen!... Pô, mãe, é treze em inglês!... O lugar? Achei exageradamente gótico, mas a música era boa e o *bloody mary* barato. Conheci um rapaz bonito, mãe. Você precisava ver. O cara é sangue-bom demais... Horácio alguma coisa, não me lembro... Não, não é filho de ninguém importante... Tenho certeza, pode deixar... Dançamos a noite toda e depois viemos aqui pra casa... Não, mãe, tá pensando que eu sou o quê?... Namoramos um pouquinho e vimos aquele DVD do Dr. Phibes, sabe qual é?... A parte 1.... O que a mulher dele morre... O Horácio? Ainda tá aqui em casa, mãe... Você pode vir aqui me ajudar?... Isso, isso... Pode deixar que eu tenho balde e esfregão... Venha logo porque tá uma sangreira danada... Já escovei os dentes, mãe... Te amo também... Um beijo...Tchau.

O autor (alex@eraumavez.com.br), criador do site eraumavez.com.br para novos autores e ilustradores inf-juv, publicou 2 livros infantis pela RHJ (*O Julgamento do Chocolate / Viagem Espacial Interativa*) e tem outro no prelo (*Condomínio dos Monstros*). Terceiro lugar no I Concurso Nacional de Fábulas, terá sua história, *O Travesseiro do Macaco*, em destaque na Antologia Novas Fábulas Infantis (2010).

13 MENINOS – 2º Colocado **Jorge Eduardo Borralho**

Nos cultos satânicos da Amazônia, há muito se conhecia um feitiço para invocar o fantasma da floresta, o irascível Anhanguera. Quem ofertasse em sacrifício os órgãos genitais de 13 meninos virgens receberia da entidade uma vida de fausto. Por outro lado, qualquer contratempo no ritual faria recair sobre o invocador uma terrível maldição. O demônio das matas não admitia ser contrariado.

Por isso, foram poucos os que, desde tempos ancestrais, arriscaram-se na empreitada. Mas, finalmente, chegara o momento de uma nova tentativa. Experiente em mandingas, a Cabocla Jupiara se dispunha a perpetrar a matança.

No dia combinado, seus asseclas trouxeram os pobres garotos. Moradores de rua, nem teriam a ausência chorada. Um a um, à medida que tinham sua virilidade arrancada, os emasculados agonizavam em poças de sangue quente. Ao assomar contra o último menino, Jupiara estancou de horror: ainda que as vestes fossem de um rapazinho, não havia ali, entre as pernas do infante, nem sinal de membro, senão uma vulva. Seus capatazes raptaram gata por lebre. E, àquela altura, o hálito de enxofre do Anhanguera já se fazia sentir, abrasivo...

Jorge Eduardo Machado é jornalista formado pela UFRJ, com passagens por O Globo, Extra, além da Rádio Nacional. Atualmente, é revisor da MultiRio, empresa da Prefeitura do Rio. Em 2006, foi um dos vencedores do concurso de O Estado de S. Paulo, cujo tema foi futebol. O conto O dia em que fomos meninos foi um dos 11 selecionados entre 1.022 concorrentes. E-mail: jborralho@uol.com.br.

DIVÓRCIO – 3º Colocado **Simone Alves Pedersen**

Civilizadamente assinaram os papéis e se despediram do juiz. No estacionamento, ele a avistava na calçada. “Finalmente estou livre. 13 anos de tortura ao lado daquela vaca”, pensou enquanto acenava sorrindo para a ex-mulher.

Ela, compenetrada, aguardava os carros passarem para atravessar a rua. Quando viu a moto, ela titubeou. Só decidiu atravessar quando um caminhão estava próximo demais para poder frear. O sangue cobriu a placa DEM 1313 parcialmente.

Do outro lado da rua, o ex-marido assistiu tudo e correu para acudi-la, sujando seu corpo com o sangue dela.

Na bolsa, as anotações no diário: “Desconfio que meu ex queira me matar. Ouvi uma conversa ao telefone em que ele dizia que me jogaria embaixo de um caminhão. Espero que não. Foram os treze anos mais felizes da minha vida e eu ainda o amo. Daria minha vida por mais treze anos maravilhosos como os que fomos casados.”

Simone Alves Pedersen nasceu em São Caetano do Sul, SP. Mudou-se para a Dinamarca onde escrevia crônicas sobre suas experiências e as mandava aos amigos pelo correio. Hoje mora no interior de São Paulo e tem vários textos publicados em antologias. É colunista do jornal “Folha de Vinhedo” e em breve lançará seu primeiro livro infantil “A Vila Felina”. E-mail: s.pedersen@uol.com.br

Do 4º ao 20º colocado, em ordem de pontuação

O CARRASCO DA VÉSPERA

Jorge Eduardo Borralho

As mãos do crioulo tateavam pelo chão da estribaria, quando uma vez mais o chicote lancinou sua frente, finalmente vazando seu olho direito. O desespero da cegueira parcial se juntava então ao tormento da dor em todo o seu corpo, a mais intensa de que padecera em seus pouco mais de 20 anos. Era inútil lutar.

Não era só o dever de ofício que impelia o feitor em sua cruel labuta. Excitava-o o intermitente estalar dos golpes na pele magoada do negro recapturado na mata. Gritos e gemidos da vítima soavam aos ouvidos do algoz como uma sinfonia macabra, um réquiem entoado pelo próprio defunto a prenunciar o inevitável fim.

Num canto do curral, estrompada de tanto prantear o caçula, a preta velha nem notou a aproximação do coche. Da cabina, saltou o filho do fazendeiro. De ideais progressistas, o rapaz acabara de retornar da capital trazendo notícias de um novo tempo. Atônito ante o cenário de brutalidade, deixou cair alguns pertences.

Aspirando um último fôlego, o negro ainda teve forças para se lançar ao protetor, desabando já sem vida sobre um exemplar do diário da província e tingindo de vermelho título e data do periódico: *A Voz da Liberdade*, 13 de maio de 1888.

Jorge Eduardo Machado é jornalista formado pela UFRJ, com passagens por O Globo, Extra, além da Rádio Nacional. Atualmente, é revisor da MultiRio, empresa da Prefeitura do Rio. Em 2006, foi um dos vencedores do concurso de O Estado de S. Paulo, cujo tema foi futebol. O conto O dia em que fomos meninos foi um dos 11 selecionados entre 1.022 concorrentes. E-mail: jborralho@uol.com.br.

O CURIOSO ASSASSINO DE CUIABÁ **Johnata Rossi Candido**

Raposo estava em um estado de frenesi que lhe impedia de pensar lucidamente, havia encontrado, há pouco, o corpo seco de mais uma vítima do curioso assassino de Cuiabá. Esse era o 12º assassinato em menos de um mês. E o pior, todos os doze corpos eram de amigos ou pessoas próximas de Raposo.

Correu pelas ruas Cuiabanas rumo ao distrito policial mais próximo. O sol escaldante lhe cansava. Parecia não dormir há dias, mas valera a pena. Descobrira nesse último caso quem era o assassino e qual era a ordem das mortes. Precisava de ajuda para impedir o próximo crime, esperava não ser tarde para isso. O 13º assassinato não poderia acontecer, ou o mal ganharia o mundo.

Ele entrou ofegante pela porta do distrito, o delegado o observou por cima de um jornal local. Era tarde demais. Os olhos de Raposo se enegreceram como piche e não houve tempo para desviar os olhos do delegado. Seu demônio ainda estava faminto e se alimentou da alma daquele inocente. Treze mortes, treze inocentes. “QUANDO ISSO VAI ACABAR?” Gritou Raposo antes de sumir em disparada pelas ruas de Cuiabá. Sentia o mal brotar pelos poros, era só o começo.

*5 contos publicados em meu Blog (<http://donos-da-noite.blogspot.com/>).
Um romance sendo escrito, com previsão de término para abril de 2010.*

EL BEBE

Anália Abeles

El bebé, nacido y muerto en silencio, fue enterrado del mismo modo en los fondos de la casa grande. Año tras año, en coincidencia con el día de su nacimiento y muerte, la madre desenterraba el cajón y acunaba con ternura el cuerpecito de su hijo que inevitablemente iba camino a desintegrarse. Decidió entonces que lo que quedaba del niño permanecería intacto para siempre. En cada ocasión, antes de devolverlo a la tierra, fue generosamente desprendiéndose de las partes de su cuerpo que a ella le sobraban pero en cambio resultaban sumamente útiles para componer el del niño. Primero le cedió su cabellera, luego la lengua, después un oído, una mano, tres dedos, dos ojos. Pasaron los años y como marcaban sus creencias, al cumplir los trece el hijo iba convertirse en un hombre responsable ante la ley de Dios. Debía tener un Alma. Entonces le entregó la suya.

*Anália Abeles, (1964), Argentina, abogada-mediadora.
analiaabeles@hotmail.com*

A CASA DA RUA 13 **Bruno Martins Garcia**

A única casa abandonada da Rua 13 era preenchida pelo medo, insondáveis mortes ocorreram neste local. Três forasteiros sem abrigo que não conheciam a fama daquela casa resolveram pernoitar ali. Gemidos se ouviam naquele lugar e eles sentiram um arrepio. Pegaram a única lanterna que possuíam. Foram ver o que era aquele som. Um velho lustre tombado e um esbarrão promoveram uma corrida alucinada. Cada um por conta do susto foi para um lado e a lanterna na azáfama se quebrou. As vozes os perturbavam. Era uma noite densa, em que a Lua se negou a brilhar. Eles ouviram alguém se aproximar, armados de pedaços de madeiras encontrados na casa começaram a brigar. Principiou o amanhecer. Dois no chão e um de pé, porém, o único inimigo que existia naquele lugar havia vencido. O medo os consumia, o medo é o espia da morte. Os primeiros raios de sol rasgaram o céu, o forasteiro sobrevivente pode observar que não havia inimigo algum e aos prantos de joelhos caiu e gritou sua dor: “*Nós nos matamos, nós nos matamos*”. Que triste realidade, aquela casa havia feito mais três vítimas, duas de corpo e uma de alma. A casa da Rua 13 continuava com seu ritual singular.

Alcunhado de Bruno Vox, tenho de 24 anos, mineiro de BH, contador, teólogo e escritor nas horas vagas. Apaixonado pela leitura e casado com a escrita. E-mail b23vox@gmail.com

NATAL INESQUECÍVEL

Luciana Fátima

Faltavam treze dias para o Natal. Desde que aprendera contar, passava todo o tempo fazendo isso. Treze dias apenas! A casa estava arrumada com os mais modernos e caros enfeites disponíveis no mercado. Aquele Natal seria especial.

Quando eu vi os Papais Noéis chegando, primeiro pensei “Nossa, não sabia que havia mais de um!” e logo depois “Mas ainda faltam treze dias”...

Foi estranho ouvir os gritos da mamãe e do papai. Devagarzinho fui ver o que acontecia. Antes que um deles me pegasse, pude ver pedaços dos meus pais espalhados com os presentes embaixo da árvore e muito sangue pelo chão.

Treze dias... e aquele Natal nunca mais chegou.

Luciana Fátima: paulistana, graduada em Produção Editorial, pós-graduada em Língua Portuguesa & Literatura e mestranda em Comunicação. É fotógrafa e escritora. Já publicou contos em várias antologias e em sites literários. É autora de “Álvares de Azevedo: o poeta que não conheceu o amor foi noivo da morte”. Contato com a autora: lucianafatima@uol.com.br.

DOU-LHE UMA, DOU-LHE DUAS, DOU-LHE TREZE **Geraldo Trombini**

Marcos morava na 13 de Maio, 1313, apê 13. Envolveu-se, nos últimos 13 anos, com 13 mulheres. Todas, coincidentemente, tendo como iniciais do seus nomes a décima terceira letra do alfabeto: Maria, Mara, Mirtes, Mônica, Marisa, Mariana, Marta, Márcia, Marilda, Matilde, Melissa, Morgana e, a última, a surpreendente Mortiça. Seria, então, treze o seu número de sorte? Ou azar? Numa sexta-feira, 13 de Agosto, ela descobre que há muito tempo já não vinha sendo mais a única em sua na vida. Nesse mesmo dia, quando Marcos chegou para o almoço, lá pelas 13h, antes de por a comida no prato dele, após treze beijos ardentes, Mortiça deu-lhe uma, duas, treze garfadas em seu peito. Uma delas, certa, fatal: bem no coração. Judiação!

Em menos de treze segundos, Marcos subiu aos céus, deixando para ela, na conta corrente, uma herança de treze mil reais negativos. Quantia transferida na manhã daquele fatídico dia 13 para o seu décimo quarto amor – Nazira –, despertando em Mortiça toda a sua ira. Acabou na Saudade, sepultura 13, a 13 palmos do chão. Que infortúnio!

*Publicitário e membro do “Espaço Literário Nelly Rocha Galassi” – de Americana/SP (desde 2004), lançou em 1981 o seu livro “**Transparecer a Escuridão**”, produção independente de poesias e crônicas. Com mais de 90 classificações conquistadas em inúmeros concursos realizados em várias partes do país, tem trabalhos publicados em mais de 25 antologias.*

A FUGA

Leonardo Mancini

Pânico no ar. Mário estava atônito, a estrada vazia corria a 180 quilômetros por hora enquanto ele pensava no que fazer, sem pensar em nada. A coisa toda do concurso de contos ia de mal a pior. Se divulgação era o que o pessoal do site queria, conseguiu. Os participantes estavam morrendo, um a um. Doze, por enquanto. Assassinados. A situação era morbidamente óbvia. Treze anos de site no ar, treze foi o tema dos contos. Treze serão os mortos. Até o pior contista inscrito já sabia: mais um corpo cairia. E o problema era justamente esse. Longe das últimas colocações, Mário conquistou a décima terceira colocação.

Leu a notícia no próprio site, assim como sua colocação. A polícia estava perdida. Chegaram a interrogar duas jovens que haviam sido desclassificadas por terem fugido do tema. Liberaram-nas. Não haviam provas.

Mário nem se deu conta quando bateu o carro em um poste. Morreu. Sangrou sem entender que a notícia era o conto vencedor.

Nasci em São Paulo. Atualmente tiro fotos e escrevo.

A DÉCIMA TERCEIRA HORA

Sr. Arcano

Diz a lenda que Clarice volta dos mortos para almoçar com seu marido, em sua antiga casa. Hoje abandonada. E naquele dia não foi diferente. Eles se encontravam sempre na décima-terceira hora. O número treze era a simbologia necessária para o sucesso da realização do encontro do casal. E Edgar fazia o de sempre: caminhava no meio dos corvos, debaixo de um sol insuportável. Abria a porta antiga, que rangia sinistramente, para logo depois bater violentamente e deixá-lo numa escuridão fantasmal.

Edgar tocava piano para Clarice, e ela aparecia. A canção atraía presenças do mundo dos mortos. Mas era sexta-feira 13, e Edgar teria azar...

Ele ouviu uma respiração ao seu redor. Uma respiração forte. Clarice veio buscá-lo. A respiração aumentava, e ecoava pelos cantos da casa assombrada.

Aproximava-se cada vez mais de Edgar. Até que, treze horas em ponto, ela chega ao pé do ouvido do homem, penetrando sua alma num arrepiante sopro de morte.

A última nota é tocada com a queda da cabeça de Edgar sobre o piano.

*Sr. Arcano é escritor e poeta. Autor dos livros “Anjo Vadio” (poesia) e “Sete Sombras e Uma Vela” (poesia). Atualmente divulga sua mais recente obra: “Natasha – A Vampira Rubra” no blog: www.vampiranatasha.blogspot.com
E-mail: senhor_arcano@ymail.com*

TREZE SEGUNDOS

Rafael Gonçalves Lima

Um jornal foi aberto e lá estava na manchete: “Suposta imagem de fantasma de menina causa mais uma vítima”. Abaixo, um trecho da reportagem: “Alyssa Doyle, 23 anos e grávida de sete meses, morreu ontem ao se atirar em frente a uma carreta em alta velocidade na Av. Westbury. Amigos afirmam que, momentos antes do suicídio, a jovem havia visto a famosa fotografia na qual Caroline Summers, assassinada brutalmente ano passado, aparece na forma de um horripilante espectro durante uma missa na Saint John’s Church, no distrito de Upper Edmonton. O retrato, que já virou febre na Internet, foi acusado de causar severos distúrbios psíquicos em pelo menos oitenta e sete pessoas. Todas elas teriam fitado os olhos negros do suposto espírito por mais de treze segundos. Porém, o caso de Alyssa é o primeiro envolvendo um desfecho fatal”.

O dono do periódico o fechou. Sentindo-se orgulhoso e satisfeito, abriu um leve sorriso. Em seguida, lembrou que precisava saber notícias de uma outra filha sua, aquela que surgia em espelhos após ter seu nome repetido treze vezes em frente a um, exatamente à meia-noite.

Meu nome é Rafael Gonçalves Lima, tenho 23 anos e sou formado em Comunicação Social pela PUC-Rio. Em novembro deste ano será lançado pela editora Isis meu primeiro romance, Aura de Asíris – A Batalha de Kayabashi, um épico de fantasia e ficção científica. Tenho a intenção de aparecer algum dia como um forte nome na literatura especulativa brasileira. E-mail: rafael@rafaelglima.com

PARANÓIA E DESTINO

Guto Olivares

Qual a sutil distância entre o abismo da paranóia e o labirinto da intuição? Aquele a quem chamaremos de Sr. X, nesta breve história, pode ilustrar ricamente este paradoxo.

Tudo começou quando completara 13 anos, e, neste mesmo dia, vislumbrara antecipadamente sua morte. Percebera, como último instante da terrível visão, um grande “13” envolto por uma esfera branca a trazer-lhe o fim.

Impressionado, crescera evitando a todo custo este número, fosse ao escolher sua casa, seus carros, seus aparelhos celulares. Não saía à rua nos décimo-terceiros dias de cada mês e chegou a mudar letras de seu nome para que sua soma numerológica não resultasse na nefasta sequência de algarismos.

Era manhã de chuva forte quando X voltava para casa e uma carreta se desgovernou à sua frente, na pista de sentido inverso. Um enorme círculo pintado em tinta nova com o logotipo “13” da transportadora foi a última coisa que seus arregalados olhos viram antes de ser esmagado contra as ferragens. Decerto, parecia um “13”, se visto de relance.

Até onde vai o limiar entre a loucura e a convicção? Quem sabe como burlar o destino? Se X tivesse tomado a via 13, aquela que sempre evitava, qual teria sido sua sorte?

GUTO OLIVARES (pseudônimo de SILVIO AUGUSTO), nascido no Rio de Janeiro, Capital, em 1974. Obteve Bacharelado em Informática e MBA em Gerenciamento de Projetos pela UFRJ. Publicou anteriormente nas antologias: Folhas ao vento, Noctâmbulos, Retalhos, O Livro Negro dos Vampiros e Entrelinhas, da Andross Editora; Coletânea, da Niterói Livros e O Beijo, da Editora Litteris. Contato: augusto.silvio@gmail.com

LAST SONG

Luciana Fátima

Na escuridão da pista, os corpos esbarravam-se ao som da música ensurdecidora. As negras roupas colavam-se aos corpos devido ao suor gerado pelo abafado do ambiente. Todo sábado era assim. Maquiagem pesada. Bebida além da conta. Lábios desconhecidos na escuridão. Andar cambaleante com o nascer do dia.

Mas aquela noite tinha algo diferente. Quando ele subiu para começar o especial do Trisomie 21, notou algumas figuras não habituais. Não que eles não estivessem completamente à vontade ali. Pelo contrário, pareciam ter sido feitos para aquele ambiente... Mas quando as luzes estroboscópicas iluminavam seus rostos, era possível ver, sob a pálida pele, toda a putrefação de seus corpos mortos.

Contou. Eram treze no total. Não seria possível fazer nada com tantos deles se misturando aos outros góticos. Ao mesmo tempo em que deram início ao ataque, as caixas de som vaticinaram: *Last song!*

Luciana Fátima: paulistana, graduada em Produção Editorial, pós-graduada em Língua Portuguesa & Literatura e mestranda em Comunicação. É fotógrafa e escritora. Já publicou contos em várias antologias e em sites literários. É autora de “Álvares de Azevedo: o poeta que não conheceu o amor foi noivo da morte”. Contato com a autora: lucianafatima@uol.com.br.

UM DEVER AMARÍSSIMO

Hebe Marin

Não agüentava mais aquele trabalho. Exigia demais dele... Muito esforço, muita concentração. Chegava em casa exausto e não pensava em mais nada além do banho morno. Quando ia deitar, continuava a pensar nas suas tarefas, no próximo dia, repassava em sua mente tudo que deveria fazer. E quantos detalhes! Os detalhes eram a pior parte, se deixasse passar um, não conseguiria terminar. Às vezes parecia que ninguém reconhecia a importância do seu serviço e isso o desanimava, chegou a pensar que tudo fosse em vão... Passava como um anônimo na rua e os poucos que conheciam a fundo seu trabalho insinuavam desaprovação. Porém os ventos ainda iriam mudar. Só mais um dia de serventia e teria concluído seu trabalho, a obra à qual havia dedicado uma vida! Já se imaginava livre da pesada obrigação, talvez até o agradecessem! Talvez finalmente o agradecessem... Mais tarde naquela semana, todos, escandalizados, puderam ler nos jornais: “*Serial killer* faz sua décima terceira vítima e comete suicídio. – A garota, ainda não identificada, estava pendurada pelos braços no teto sobre uma série de símbolos feitos no chão com seu próprio sangue...”

H. Marin é uma quase-graduada em Letras pela UNESP que devorou inúmeros livros e é fascinada pelos gêneros fantástico e FC. Para terror de crianças e adolescentes, atua como professora de inglês e literatura brasileira. Até então, só escreveu em doses homeopáticas, mas espera mudar isso. Contato: alectra@gmail.com

A VELHA DO BOSQUE

Tatiana Alves

A mulher – uma bruxa, na visão das pessoas da aldeia – vivia sozinha no meio da floresta, há muitos anos. Saudosa de uma época em que seus conhecimentos eram respeitados e ela reverenciada como uma sábia, preferia ignorar o progresso da vida civilizada e mantinha-se reclusa no bosque.

Numa noite de tempestade, um viajante que aparentemente se perdera na estrada veio bater à porta. A velha, desacostumada a visitas noturnas – se já era temida durante o dia, à noite então ninguém ousava se aventurar no bosque, sobretudo na décima terceira lua cheia do ano –, abriu a porta como se já aguardasse há muito o estranho e melancólico hóspede. Saudaram-se respeitosamente, e olharam-se nos olhos, até que a velha resolveu falar:

– Dessa vez você demorou. Já estou pronta.

Deu o braço ao homem, e juntos caminharam até se perderem nas brumas da floresta. Quem os visse comentaria talvez a estranha alegria da velhinha encarquilhada que sorria, como uma criança, na companhia da criatura que trajava um manto negro e trazia, na mão esquerda, a foice com que ceifava o tempo.

Tatiana Alves (tatiana.alves.rj@gmail.com) é poeta, contista e ensaísta. Participou de diversos concursos literários, tendo obtido mais de cem prêmios. É colaboradora da Coluna Momento Lítero-Cultural, dos sites Cronópios, Anjos de Prata, Germina Literatura e Escritoras Suicidas. Publicou os livros O Legado de Cronos, O segredo da caixa, D'Além-mar: estudos de Literatura Portuguesa e Harpoesia.

BODAS DE LINHO

Alexandre de Castro Gomes

- Manhê, 13 anos é linho? – perguntou Dinéia para Gilda, que confirmou.
- Tá vendo, Antônio? Daqui a 2 meses faremos Bodas de LINHO! Quando te conheci, você me prometeu pagar a minha pós graduação em moda na Itália e até agora nada! Não sei como é que ainda não te botei um chifre, seu inútil! Antônio ouvia calado enquanto mastigava a almôndega da macarronada de domingo. Dinéia e sua mãe o fitavam com desprezo. Sua loja, a Antônio's Calçados, não andava bem, mas o que isso importava para aquelas duas?
- Alô, manhê? Você não vai acreditar. A bronca de ontem deu certo. Antônio me prometeu a viagem de presente. Serão 2 anos e meio de Europa! Duas semanas depois Antônio levou Dinéia para o aeroporto. Gilda começou a receber presentinhos enviados pela filha. No dia das mães foi um broche de couro. No aniversário, uma carteira. No último Natal ganhou sapatos de couro italianos.
- Tá vendo, Antônio? Isso não é como aquelas porcarias que você vende. Isso é italiano le-gí-ti-mo! Olhe só o acabamento, os detalhes... Tem até um desenho aqui do lado igualzinho à tatuagem que a Dinéia tem nas costas.

O autor (alex@eraumavez.com.br), criador do site eraumavez.com.br para novos autores e ilustradores inf-juv, publicou 2 livros infantis pela RHJ (O Julgamento do Chocolate / Viagem Espacial Interativa) e tem outro no prelo (Condomínio dos Monstros). Terceiro lugar no I Concurso Nacional de Fábulas, terá sua história, O Travesseiro do Macaco, em destaque na Antologia Novas Fábulas Infantis (2010).

INSÔNIA

Tatiana Alves

Dia 13. Noite de lua cheia. A madrugada apenas começava, e ela sabia ser mais uma daquelas noites terríveis. Não era uma insônia decorrente de depressão ou de ansiedade, mas um estado de alerta, como se algo assombroso viesse em seu encalço, e ela devesse manter-se em guarda a fim de se proteger.

Era obcecada por filmes de terror, daqueles em que a expressão nos olhos ou as músicas têm o poder de trazer à tona os mais recônditos medos que povoam a alma humana.

Naquela noite, ela estava particularmente apavorada. Apesar do mórbido gosto pela adrenalina trazida pelo pânico, não sabia como lidar com isso. O mínimo ruído trazia-lhe um sobressalto, e um calafrio perpassava-lhe o corpo. Trancava as janelas e portas, como se o sobrenatural pudesse ser detido por ferrolhos. A madrugada ia alta, e o luar banhava-lhe parcialmente o quarto. Decidiu, então, cerrar as cortinas para tentar dormir. Quando os raios lunares tocaram-lhe o braço, olhou para cima e num segundo teve a epifânica revelação. Uivou. Ela era um lobisOMEM.

Tatiana Alves (tatiana.alves.rj@gmail.com) é poeta, contista e ensaísta. Participou de diversos concursos literários, tendo obtido mais de cem prêmios. É colaboradora da Coluna Momento Lítero-Cultural, dos sites Cronópios, Anjos de Prata, Germina Literatura e Escritoras Suicidas. Publicou os livros O Legado de Cronos, O segredo da caixa, D'Além-mar: estudos de Literatura Portuguesa e Harpoesia.

13 DE AGOSTO

Lino França Jr.

Jamais esquecerei aquele mórbido 13 de agosto de lua cheia e vento cortante.

À porta do cemitério estacionei o rabeção. Meu companheiro e eu tiramos o pesado caixão negro de dentro, e nos dirigimos ao velório. Colocamos a esquife em cima do apoio de concreto para ser velado, mas antes de sairmos do recinto, a viúva precipitou-se abrindo a tampa do ataúde. Neste exato momento o pânico instalou-se, pois, o cadáver, ainda com as marcas da necrose no corpo, saltou com extrema agilidade de dentro do caixão, atacando a mulher que mal pode se defender. Com mordidas colossais no rosto, ombro e pescoço, o defunto largou a infeliz se debatendo e esguichando sangue em profusão. O desespero tomou conta de todos, mas o pior ainda estava por vir. Ouviu-se um estrondo peculiar de dentro do cemitério, e notei, atônito, que os sons vinham dos sepulcros que tremiam de baixo pra cima, revolvendo a terra e derrubando lápides. Consegui chegar ao carro ainda em tempo de assistir os primeiros mortos-vivos levantando-se das tumbas e atacando aqueles que não conseguiram escapar da investida macabra.

Lino França Jr., é paulista e graduado em Direito. Publica seus contos em sites da internet. Participou das antologias: Solarium (Multifoco – 2009), Sinistro! (Multifoco – 2009), e Réquiem para o Natal (Andross – 2008). Em 2009, lançou seu primeiro livro solo: A Volta do Todo Poderoso, pela CBJE. Contato: keanefran@hotmail.com

TREZE CONTRA UM **Leonardo Siviotti**

Éramos treze policiais na mata, procurando um assassino canibal foragido. Apesar da pouca visibilidade que a noite nos proporcionava, era grande a expectativa de capturá-lo em poucas horas.

Mas isso não aconteceu. Quando a manhã chegou, eu era o único policial vivo. Os demais foram atacados durante a madrugada. Morreram, e para minha surpresa estavam de pé algum tempo depois. A surpresa intensificou-se quando percebi que eles começaram a me perseguir incansavelmente. Ignorando quem eu era, sedentos por me alcançar, mantinham-se determinados em seu objetivo.

Estou, neste momento, escondido entre arbustos. Exausto, dolorido. Prestes a desmaiar. Vejo uma cobra que rasteja ao meu lado e não posso me mover. Devo ficar quieto, sem chamar atenção. É a minha única chance. Estou sendo procurado por treze zumbis. Treze contra um. A única certeza que tenho é que sairei de pé. Vivo ou morto, sairei de pé.

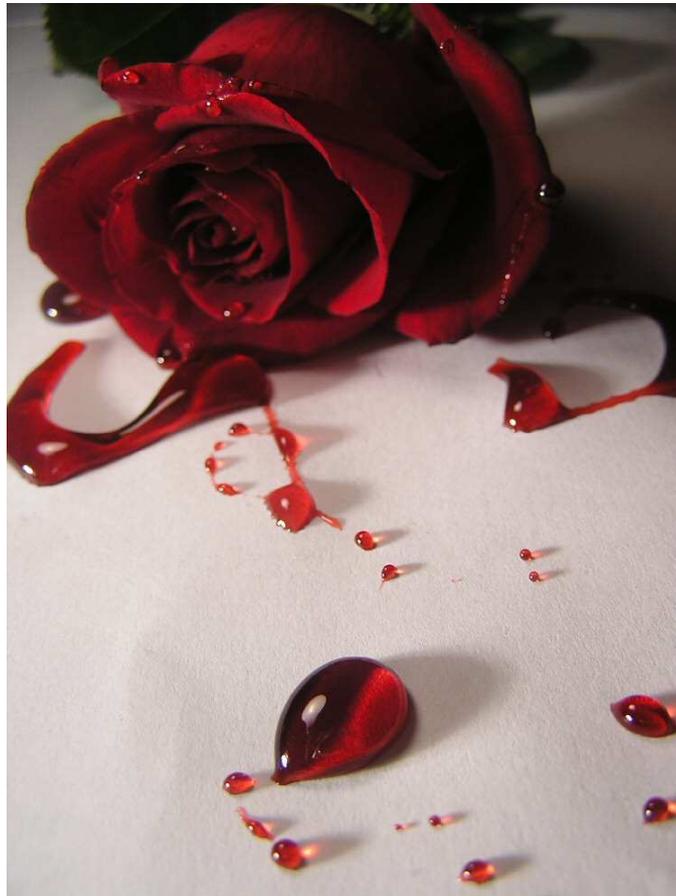
Nasceu no Rio de Janeiro em 1981. Foi premiado e publicado em antologias de diversos concursos literários. Participou do livro “Ficção de Polpa - Volume 2”, colaborou com textos para a revista “Café Espacial” e os sites “Mojo Books” e “Terroristas da Conspiração”. Contato: lsliteratura@ig.com.br



**PARA PARTICIPAR DO PRÓXIMO TERRORZINE, ACESSE:
www.cranik.com/terrorzine.html**

**FAÇA O DOWNLOAD DO TERRORZINE N°15, ACESSE:
www.cranik.com/terrorzine15.pdf**

**PARA DISPONIBILIZAR ESTE SUPLEMENTO PARA
DOWNLOAD, USE:
www.cranik.com/suplemento3.pdf**



Ademir Pascale
ademir@cranik.com

Elenir Alves
elenir@cranik.com

M. D. Amado – Site Estronho
www.estrinho.com.br

www.cranik.com

**Para anunciar, divulgar seu livro ou patrocinar o
TerrorZine, envie um e-mail com sua proposta para:
cranik@cranik.com**